

## APRESENTAÇÃO

As reescrituras, nos diz André Lefevere (2007), e sobretudo os textos traduzidos, tendem a desempenhar um papel tão importante no estabelecimento de um sistema literário quanto o das escrituras originais. Isso ocorre não somente porque a grande maioria dos leitores tem acesso aos textos da tradição ocidental por meio de traduções, mas porque esse sempre foi um meio eficaz tanto de afirmar quanto de repelir modelos literários. Levando isso em conta, este número da revista *Littera*, vinculada à Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal do Maranhão, traz o especial temático “Tradução literária: leituras e criação”, que reúne múltiplas reflexões sobre as especificidades da tradução de literatura, tomando os textos — original e tradução — como integrantes de fenômenos culturais amplos.

Não obstante o fato de ser uma atividade muitas vezes ocultada e relegada a segundo plano, é inegável que a tradução, desde os seus primórdios, foi responsável pela importação de formas, gêneros e procedimentos estilísticos de uma língua e literatura à outra. Para Octavio Paz, a chamada evolução literária sempre foi movida por tais encontros:

Os grandes períodos criadores da poesia do Ocidente, desde sua origem na Provença até os nossos dias, foram precedidos e acompanhados por cruzamentos entre diferentes tradições poéticas. [...] Desse ponto de vista, a história da poesia europeia poderia ser vista como a história das diversas conjunções que compõem a chamada literatura do Ocidente, para não falar da presença árabe na lírica provençal ou a do haiku e da poesia chinesa na poesia moderna (PAZ, 1991, p. 157).

Neste sentido, ler a partir da escrita do outro é uma confrontação vertiginosa, como constata os escritores-tradutores Rainer Maria Rilke, Samuel Beckett ou Wladimir Nabokov. Yves Bonnefoy ressalta que “Se a tradução não é uma cópia, nem uma técnica, mas um questionamento, e uma experiência, ela pode se inscrever – se escrever – apenas na duração de uma vida, e necessita de todos seus aspectos, todos seus atos (BONNEFOY, *Entretiens sur la poésie*, 1990, p. 153-154).

Da mesma forma, Jorge Luís Borges, em suas reflexões sobre a tradução, anuncia um tempo em que os tradutores poderão se livrar dos “elementos circunstanciais de uma beleza” (vinculado a um padrão específico), e deseja obter não apenas “boas” traduções, ou seja, criativas, mas também as “reconhecidas” como é o caso de Homero traduzido por Chapman, do Rabelais de Urquhart, ou da *Odisseia* de Pope, ou seja, aquelas que marcaram e que já pertencem à literatura mundial. Borges, em vários de seus textos, colocou em pauta tanto a questão da supremacia da autoria como o caráter secundário da tradução. Em “Las versiones homéricas”, de 1932, qualifica como “superstição” o fato de se acreditar que sempre o original será superior à sua tradução. O autor sugere que uma tradução pode, sim, superar o seu original e festeja a riqueza representada pela existência de diversas versões de um mesmo texto (BORGES, 2005, p. 239).

De maneira constante na história da crítica literária, pensar a criação literária como uma tradução — e vice e versa — apagando conseqüentemente a fronteira entre dois processos literários, é uma das lições que ensina Marcel Proust no livro *Le temps retrouvé*. “O dever ou a tarefa do escritor são os de um tradutor”, concluiu o gigante das letras francesas. Nesse sentido, a seção temática deste dossiê abre com o artigo “*Sur la lecture de Proust: leituras e traduções*”, no qual as autoras Beatrice Távora, Mary Anne Warken Sobottka e Sheila Maria dos Santos analisam as traduções para o português de Carlos Vogt (1989) e para o espanhol do argentino Pedro Ubertone (2003) do prefácio “Sobre a leitura” de Marcel Proust. A leitura torna-se uma tradução do mundo, comparando-a com a visão de Jorge Luis Borges e do filósofo Antoine Berman, ambos pensando os laços da tradução com o ato de ler. Em visões extremamente modernas e inovadoras, ambos desbravam os preconceitos contra o texto traduzido inferior ao texto original e valorizam a leitura como estratégia fundamental.

Paralelamente, a reflexão baseada na prática tradutória dos próprios autores está presente em vários trabalhos deste número. Por exemplo, em “Um conto de Mark Twain: tradução, comentários e notas”, Thaís Fernandes dos Santos apresenta sua tradução ao português brasileiro do conto “Hunting the Deceitful Turkey” [“Caça ao peru dissimulado”], acompanhada de introdução e notas. Sua abordagem prioriza a tradução

da variação linguística. Tal aspecto, assim como as marcas de oralidade, também é destacado no artigo “Tradução literária e variação linguística em ‘One Christmas Eve’, de Langston Hughes”, de Isadora Moreira Fortunato. A autora explica que sua pesquisa “tem a intenção de se inserir nos debates acerca de questões linguísticas e sócio-históricas sobre como a temática da negritude é trabalhada em textos literários no sistema de literatura traduzida no Brasil”. Já em “*La Novela De Mi Vida*, de Leonardo Padura: reflexão teórica a partir da prática de tradução”, Nathália Hecz Couto traduz parte desse romance cubano ainda inédito no Brasil com o objetivo de refletir sobre os aspectos culturais envolvidos no processo de tradução. Nesses trabalhos, os tradutores-autores não deixam de se colocar como participantes do processo de criação dos novos textos engendrados pela via da tradução. De fato, é na literatura, principalmente na prosa de ficção, na prosa poética e na poesia, que mais aparecem a dimensão criativa da tradução.

Com o intuito de pensar a tradução da literatura brasileira traduzida além dos continentes americano e europeu, já na distante Ásia, Cacio José Ferreira e Norival Bottos Júnior analisam o percurso inicial da tradução da narrativa em *Retábulo de Santa Joana Carolina* (1966) do escritor Osman Lins. Seus desdobramentos na tradução para o japonês foram baseados em reflexões enriquecedoras que marcaram os Estudos da Tradução (*Translation Studies*, em inglês ou “*traductologie*” em francês) como Sandra Nitri, Walter Benjamin, Shuichi Kato, Henri Meschonnic, Haroldo de Campos e Octávio Paz.

No campo do ensino das línguas estrangeiras, a tradução também tem tido um papel reconhecido como fundamental. Apoiando-se na reflexão de Sara Laviosa, as autoras Sueli Maria de Regino e Anna Carolyna Ribeiro Cardoso, no artigo “A tradução na aprendizagem de línguas estrangeiras”, defendem esta nova perspectiva do ensino de línguas estrangeiras, fugindo dos preconceitos que obrigavam o uso exclusivo da língua estrangeira para um mergulho maior na alteridade. As autoras consideram a tradução uma das ferramentas conscientes e enriquecedoras para o ensino e aprendizagem da língua estrangeira, tão importante quanto o exercício da oralidade ou da leitura, por exemplo.

A seção temática encerra-se com uma entrevista com a tradutora, professora e escritora Dirce Waltrick do Amarante, realizada pelas organizadoras do dossiê. Dirce

Waltrick do Amarante, atualmente vice-coordenadora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, recebeu recentemente (em 2019) o Prêmio Boris Schnaiderman de Tradução, concedido pela Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), na categoria prosa, pelo livro *Finnegans Wake* (por um fio), de James Joyce (Iluminuras, 2017). Entre outros temas, Waltrick do Amarante fala de sua trajetória profissional, de suas experiências com a tradução literária, com a literatura infantojuvenil e também sobre a formação de tradutores.

Na seção livre, alguns artigos oferecem uma reflexão sobre a leitura no sentido mais amplo, valorizando o ponto de vista do leitor na interpretação do texto literário. Por exemplo, no artigo “Dalcídio Jurandir e a tradição dos romances da Amazônia a partir da primeira metade do século XX”, Tayana Andreza de Sousa Barbosa traz uma contribuição muito relevante para a literatura enraizada na Amazônia. A partir de uma nova leitura da obra *Chove nos campos de Cachoeira*, demonstra como ela ultrapassa suas restrições regionalistas e exóticas para se inscrever no quadro da literatura latino-americana e universal.

Sempre caminhando pelos trilhos da literatura brasileira como patrimônio mundial, em “Do binarismo de gênero ao afeto melancólico no conto ‘A imitação da rosa’, de Clarice Lispector”, Nelson Eliezer Ferreira Júnior articula os estudos de gênero à melancolia numa abordagem rica e provocadora. O valor simbólico das rosas no enredo do conto é percebido pelo autor como representando “o ponto de contato entre a pressão de gênero e os desdobramentos subjetivos identificados na protagonista através de signos da melancolia”. Já no texto “Entre corpos dilacerados e o fogo purificador: um olhar sobre o conto ‘Holocausto’, de Caio Fernando Abreu”, Kenia Maria de Almeida Pereira se volta sobre a ambiguidade desse conto a partir do duplo sentido que a palavra “holocausto” pode encobrir. Como referências, para tratar das questões simbólicas, utiliza Gaston Bachelard, Mircea Eliade e René Girard. Já no que diz respeito às temáticas dos regimes totalitários, convoca Hannah Arendt, Foucault e Regina Dalcastagnè. Segundo a autora, sua análise tenta percorrer dois caminhos alegóricos sugeridos pelo título: o mítico-simbólico, que tem o fogo e a vítima sacrificial como referência, e o político, “girando

em torno dos suplícios dos regimes totalitários, como a ditadura militar no Brasil e seu aparato de tortura”.

No artigo “O crime em a demanda do Santo Graal – o exemplo”, Ana Cristina Alvarenga de Souza e Paulo Roberto Sodré desenham uma paisagem cuidadosa, fazendo dialogar literatura e história, a partir da aparição na História cultural e literária da novela de cavalaria, com a personagem mítica da Idade Média europeia, o herói cavaleiresco Lancelot. Já em “Estética da recepção: o conhecimento de mundo do leitor para a significação do texto literário”, Cleane da Silva de Lima e Luzimar Silva de Lima destacam o papel central da recepção na leitura da literatura. Cabe ao leitor revelar o livro. Partindo das teorias estabelecidas pelos críticos Iser, Jauss, Zilberman e Luiz Costa Lima, aparece a questão da subjetividade do leitor, e, como destacam os autores, “é por meio do conhecimento de mundo que a obra literária vai ganhando forma e assim conquistando leitores, através da recepção e do efeito causado no leitor, despertando a lembrança de algo já vivido por ele”.

De certa forma, o questionamento constante e a postura que o tradutor deve tomar constituem seus numerosos papéis como o de leitor, intérprete e criador. Segundo Antoine Berman, “tornar [o texto] mais legível e agradável possível para um leitor [...] tentando reproduzir ou recriar a coerência do estilo do autor, e, para tanto, mantendo ou inventando, quando necessário, motivações no plano gramatical ou semântico” é uma das preocupações que o tradutor deve desbravar, procurando o equilíbrio entre a legibilidade para o leitor da cultura alva, versus a coragem de assumir o estranhamento e a criação de algo novo em sua própria cultura. Neste sentido, traduzir significa acreditar no poder de uma possível transformação do próprio mundo, através de leituras e da força da criatividade.

**Émilie Audigier**

**Marlova Aseff**